

RESENHA DO CAPÍTULO “CULTURAS HÍBRIDAS, PODERES OBLÍQUOS” DA OBRA DE NÉSTOR GARCÍA CANCLINI

Angelica Czocher ANTUNES¹

No capítulo “Culturas híbridas, poderes oblíquos”, Canclini (1997) argumenta que a cultura híbrida é uma forma de resistência cultural que surge no contexto da modernização e da globalização, quando as identidades culturais são cada vez mais fragmentadas e os fluxos culturais se tornam mais complexos. O autor destaca que o hibridismo não é uma categoria fixa e acabada, mas sim uma estratégia flexível que pode ser adaptada e reinventada de acordo com as necessidades e circunstâncias dos grupos sociais que a adotam. Ainda, ele argumenta que essas formas culturais híbridas não apenas resistem às formas dominantes de cultura, mas também criam novas formas de expressão e de identidade cultural.

Por conseguinte, o autor traz aspectos das culturas híbridas com foco na América Latina, segundo Canclini (1997), a construção da hibridez cultural foi intensificada pela expansão urbana e pela disseminação das mídias eletrônicas. Através desses meios, a vida urbana se misturou ao meio rural, gerando uma mistura híbrida. Isso transgrediu a ordem imposta pelo desenvolvimento moderno, que tentava distribuir objetos e signos culturais em lugares específicos e classificar as coisas e as linguagens que falavam dessas coisas com uma organização sistemática do espaço urbano.

Nesse sentido, Canclini (1997) destaca que a arte contemporânea é um exemplo de hibridismo cultural, pois muitas vezes mistura elementos culturais de diferentes origens em uma única obra. O autor traz que a arte contemporânea é uma forma de expressão cultural que está em constante evolução e adaptação, refletindo a diversidade cultural do mundo atual. Dentro

¹ Especialista em Educação Especial e Inclusiva (UNINA). Supervisora EaD na Faculdade UNINA. E-mail: angelica@unina.edu.br.

da cidade, surgiram espaços sociais onde a arte é consumida, e nesse contexto, o autor exemplifica com alguns monumentos, trazendo diversos exemplos e simbolismo e significado que as obras assumem.

Dessa forma, o autor indica que os monumentos estão na cidade interagindo com a vida urbana, misturados à correria da massa popular, sem guardiões das obras iguais às de um museu, os monumentos se misturaram ou não com os passantes e trazendo assim o simbolismo e significado que essas obras de arte adquirem para a concepção de arte de um espaço de hibridismo. Os monumentos em pedestais ou na altura do observador, têm impacto sobre a dinâmica do trânsito e da cidade como um todo, facilitando que a memória passada interaja com a mudança. Os heróis nacionais se revitalizam graças à propaganda e ao trânsito das pessoas, ou seja, as culturas já não se agrupam em lugares estáticos, físicos e estáveis.

Além disso, Canclini (1997) também aborda a importância da cultura popular no processo de hibridização cultural. Ele argumenta que a cultura popular é uma fonte de inovação cultural e que os produtores culturais populares, muitas vezes, são os responsáveis por criar formas híbridas de cultura. O autor destaca a importância de reconhecer a contribuição da cultura popular e não subestimar a sua importância.

O autor também discute a proliferação de dispositivos de reprodução, como as fotocopiadoras, videocassetes, os vídeos-games e videoclipes, esses dispositivos não se definem como cultos nem como populares. Eles desestruturam uma série de imagens e contextos, perdendo referências semânticas e históricas que amarravam os sentidos das produções. Há uma alta reprodução por meio desses dispositivos, fazendo com que a arte se descontextualize e perca o sentido original quando foi produzida.

Ademais, o autor destaca a importância da “impureza” cultural no processo de hibridização, ou seja, a mistura de elementos culturais diferentes que resulta em novas formas culturais. Canclini (1997) argumenta que a cultura híbrida é uma forma de criar novas identidades culturais que são múltiplas e diversificadas, o que pode desafiar as formas dominantes de cultura. Isso provoca sentidos estéticos diferentes como no caso do grafite e dos quadrinhos,

que são considerados fundamentalmente e constitucionalmente híbridos pelo autor. Segundo o autor, é necessário entender como funcionam as evoluções tecnológicas e como elas interferem na sociedade e correspondem, ou não, aos movimentos sociais, pois existem consumidores de diferentes classes que consomem essas inovações de formas diferentes.

Desse modo, Canclini (1997) argumenta que a globalização não leva à homogeneização cultural global, como muitos acreditam, pelo contrário, ele afirma que o mundo contemporâneo é caracterizado pela proliferação de culturas híbridas e mestiças, criadas pela interação entre tradições locais e influências globais. Essas culturas híbridas, são marcadas pela coexistência de elementos diversos, que muitas vezes se conflitam e se misturam em novas formas de expressão.

Na análise das transformações das culturas, o autor foca na transnacionalização dos mercados simbólicos como uma massificação dos mercados culturais. Isso acontece em grande parte por conta de fenômenos que não necessariamente dizem respeito à arte, como as migrações, a desterritorialização e a reterritorialização ligadas aos movimentos de imigração.

Essa hibridez tem um longo trajeto nas culturas latino-americanas, os projetos de independência e desenvolvimento nacionais que buscaram compatibilizar o modernismo cultural com a não-modernização econômica e, também, as tradições populares que ainda persistem. Outro modo como os poderes oblíquos se manifestam e fazem pensar sobre os vínculos da cultura e do poder, é a busca de mediações e de caminhos para gerir conflitos. As relações de poder que são exercidas de forma indireta e difusa, em oposição aos poderes diretos e formais do Estado. Esses poderes oblíquos, incluem as práticas comerciais e a publicidade, que podem influenciar as culturas locais de forma sutil e imperceptível. Canclini (1997) argumenta que esses poderes oblíquos são cada vez mais relevantes na era da globalização.

Por fim, Canclini (1997) destaca a importância de adotar uma perspectiva crítica em relação às culturas híbridas, reconhecendo as dinâmicas de poder envolvidas nesse processo. O autor argumenta que é importante estar atento às formas de apropriação e mercantilização da cultura pelos grupos dominantes,

para garantir que as formas híbridas de cultura sejam usadas para resistir às formas dominantes de cultura, e não para reforçá-las.

Nesse sentido, as diversas formas de hibridação abordadas nesse livro, sugerem que atualmente todas as culturas se encontram em uma condição de fronteira. Dessa forma, as diferentes manifestações artísticas desenvolvem-se em relação umas com as outras: o artesanato deixa o campo e se expande para a cidade, enquanto filmes, vídeos e canções que contam a história de um povo são compartilhados com outros.

Embora as culturas percam sua relação exclusiva com o território de origem, elas ganham em comunicação e conhecimento mútuo. Além disso, o autor aponta que a arte pode ser usada para criar espaços de resistência e para questionar as narrativas dominantes da sociedade, nesse sentido, a arte é uma forma de ativismo cultural que pode ser usada para promover a diversidade e a inclusão cultural.

Em geral, o capítulo “Culturas híbridas, poderes oblíquos” de Néstor García Canclini (1997) é uma leitura importante para aqueles interessados em cultura, identidade e poder. O autor apresenta uma análise detalhada e crítica do hibridismo cultural, destacando sua importância como uma estratégia política e cultural. Ele destaca que a cultura híbrida não é apenas uma forma de resistir às formas dominantes de cultura, mas também uma forma de criar novas formas de expressão e identidade cultural. Isso significa que o hibridismo cultural não é apenas uma resposta passiva às mudanças culturais em curso, mas uma forma ativa de criar novas possibilidades culturais.

REFERÊNCIA

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos. Comentário: Heloísa Costa Milton (UNESP/Campus de Assis).